

## O processo emancipatório de Italva (1960-1980) e sua relação com a construção da identidade do município: disputas e resgates de memórias

*The emancipatory process of Italva (1960-1980) and its relationship with the construction of the municipality's: disputes and rescues of memories*

**Luan Barreto Vilela**

Estudante de História na UFF

**Resumo:** Este artigo analisa as memórias sobre eventos e personagens do processo emancipatório de Italva, cidade localizada na região noroeste-fluminense, que fazia parte de Campos dos Goytacazes até 1986. O processo emancipatório em questão pode ser compreendido a partir de duas organizações: a primeira, entre as décadas 1960 e 1970 durante o período da Ditadura Militar e, a segunda, a partir de 1980 com a “abertura democrática”. Nesse sentido, será abordado como algumas memórias construídas em um contexto de disputas políticas podem se relacionar com a construção de uma identidade para a cidade. Entrementes, comparar-se-á as memórias da emancipação exaltadas pelo livro *Italva em Versos: a emancipação de Italva contada por seu poeta maior*, de Antonio Carlos Bernardo (1991), alinhado a um discurso oficial/dominante com as memórias resgatadas a partir da metodologia da História Oral, evidenciando contradições que poderiam ferir a coesão em torno da identidade regional do município.

**Palavras-chave:** Italva. Memória. Identidade.

**Abstract:** This article analyzes the memories of events and characters from the emancipatory process of Italva, a city located in the northwest region of the state of Rio de Janeiro, which was part of Campos dos Goytacazes until 1986. The emancipatory process in question can be understood from two organizations: the first, between the 1960s and 1970s during the period of the Military Dictatorship and, the second, from 1980 onwards with the “democratic opening”. In this sense, it will be perfectly how some memories built in a context of political disputes can be related to the construction of an identity for the city. Meanwhile, we will compare the emancipation memories exalted by the book *Italva em Versos: the emancipation of Italva told by its greatest poet*, by Antonio Carlos Bernardo (1991), preparation for an official/dominant discourse with the memories rescued from the methodology of Oral History, highlighting contradictions that could harm the cohesion around the regional identity of the municipality.

**Keywords:** Italva. Memory. Identity.



## 1 Introdução

Este artigo analisa os eventos e personagens do processo emancipatório de Italva que contribuíram para a identidade regional da cidade. Procurou-se refletir como o discurso oficial enfatizado pela elite política local apagou e tentou amenizar contradições e momentos de crise. Entrementes, interessa analisar a obra *Italva em Versos: a emancipação contada por seu poeta maior*, de Antonio Carlos Bernardo (1991), buscando entender as razões da obra rememorar algumas figuras políticas do processo emancipatório, apresentando-as na perspectiva de “heróis” desse momento, uma vez que a obra poética se alinha ao discurso oficial.

Ao entender que a poesia transmite um discurso regionalista através do afetivo e do simbólico, buscou-se delinear o que é posto ao esquecimento por essa visão particular do regional. Como estratégia metodológica, buscou-se analisar tal versão por meio de entrevistas feitas com sujeitos participantes dos movimentos emancipacionistas, obtidas a partir da metodologia da História Oral, que, em termos gerais, consiste na coleta de relatos através de áudio ou vídeo em relação a períodos específicos, acontecimentos expressivos ou determinadas conjunturas sobre algum fenômeno.

Como estruturação metodológica, foram elaboradas questões, a partir de uma robusta investigação das fontes escritas (jornais e poesia), em torno dos principais temas debatidos nessas fontes: o período específico dos dois movimentos pró-emancipação político-administrativa; o momento econômico do distrito durante 1960 e 1980; os principais personagens/figuras políticas citados e; no caso da poesia, as motivações para sua criação. Em outras palavras, ao contrastar a narrativa da poesia com as demais fontes, foi possível delinear o que é posto ao esquecimento nesse discurso particular amparado por questões afetivas e simbólicas.

Em relação às questões discutidas acima, ressalta-se a importância das “disputas de memórias”, enfatizadas por Michael Pollak (1989), sobre as quais se pode notar algumas lembranças que acabam sendo

silenciadas por uma “memória oficial/oficializada” que legitima e que, ao mesmo tempo, faz parte de uma memória coletiva (Halbwachs, 1990). A partir dessas relações problemáticas entre as lembranças e os esquecimentos sobre as conjunturas do processo emancipatório, foram detectadas dinâmicas que poderiam ferir a coesão em torno da identidade regional do município. Sobre essa ótica, foi possível delinear as motivações que levaram moradores e políticos do distrito a irem contra o projeto emancipacionista, contradizendo o discurso oficial (re)produzido pela poesia sobre “união” dos moradores em prol da “liberdade” do distrito.

Nesse sentido, no ano de 1986 ocorreu a emancipação do distrito de Italva em relação a Campos dos Goytacazes. Como será observado, muito é dito sobre os poucos investimentos de Campos no distrito, por isso havia a impressão de que Italva era um espaço rico devido às suas fábricas de mármore – ainda que mal administradas. Tudo isso, portanto, fez com que moradores do distrito se organizassem em prol da desvinculação com a cidade de Campos.

Em vista disso, muito também é mencionado em relação à “luta” dos moradores pela causa. Frequentemente essa “luta” dos italvenses é exaltada, como, por exemplo, em publicação na página oficial da prefeitura da cidade: “A história do Município é marcada por uma ousadia política emocionante. A fibra do povo italvense foi decisiva para a emancipação político-administrativa”. Como veremos, esse discurso se relaciona com a identidade regional do município, que põe em destaque o povo italvense e a sua “luta” para desmembrar o distrito de Campos dos Goytacazes.<sup>1</sup>

Nesse sentido, os primeiros movimentos locais para tratar dos assuntos sobre a emancipação começaram durante a década de 1970. Nessa época, a questão do “abandono” de Campos dos Goytacazes era tema central nos discursos. Apesar das reivindicações dos moradores do distrito, nesse momento as decisões estavam mais centralizadas no governo federal, período da Ditadura Militar no qual a integralidade dos

---

<sup>1</sup> Esse relato aparece na parte reservada à história do município. Disponível em: <https://italva.rj.gov.br/site/pagina/historia/11/2>. Acesso em: 12 out. 2022.

territórios era valorizada (Aguiar, 2020, p. 5). Além disso, os políticos campistas estavam em sintonia e estabeleciam relações com elementos centrais do governo (*ibidem*, 2020, p. 5). Tais situações geraram grandes impasses para o projeto de emancipação, fazendo com que os indivíduos itavenses estabelecessem estratégias distintas frente à administração centralizada em Campos.

A partir de 1980, em um contexto de *abertura democrática*, representantes do governo do estado mostraram interesse em apoiar causas emancipadoras. O momento era de um afrouxamento do regime repressivo no país, marcando o processo de redemocratização. Leonel de Moura Brizola, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), foi eleito governador do estado do Rio de Janeiro e, durante seu mandato, foi a Italva e prometeu que iria emancipar o distrito. Essa passagem de Brizola por Italva (ainda como distrito) foi revestida por uma aura simbólica.<sup>2</sup>

Conforme será analisado, a partir das fontes há uma associação de Brizola e de seus aliados políticos/mediadores como “heróis” da emancipação. Vale ressaltar que essa história sobre a passagem de Brizola pela região acabou se transformando em um tipo de narrativa tradicional, sendo frequentemente utilizada para explicar o processo emancipatório tanto na obra analisada neste artigo (alinhada ao discurso da elite política local) quanto em conversas cotidianas.

É válido mencionar que apesar de essas narrativas padronizadas serem constituídas por explicações bem extensas e simbólicas sobre a emancipação, este artigo não foca em detalhar cada ponto delas. Aqui, apenas é analisado o contexto em que as narrativas foram construídas, juntamente de seu estabelecimento como uma “memória oficial” do município, além das motivações que levaram à construção dos seus personagens e aos esquecimentos. No entanto, é importante relatar a importância de um trabalho mais descritivo sobre as questões simbólicas – que são muitas – imersas no processo emancipatório de Italva.

---

<sup>2</sup> Segundo uma entrevista em Aguiar (2017, p. 98), Brizola seria inimigo político de Zezé Barbosa, prefeito de Campos. Brizola foi um dos agentes políticos que representava e unia as forças em prol da *abertura democrática*. Em um dos relatos coletados por Aguiar (2020, p. 86), Brizola fez parte do projeto “político e ideológico” que tinha como objetivo “diluir Campos, acabar com aquela força no município”. Além disso, foi governador do Rio de Janeiro em duas oportunidades, nos quadriênios de 1983-1987 e 1991-1994.

## 2 História regional, memória coletiva e identidade: parâmetros teóricos para pensar as representações do processo emancipatório de Italva

Ao analisar o processo emancipatório de Italva, pode-se notar como alguns agentes contribuíram para uma história do regional através de uma “história celebrativa, monumentalizadora, veiculadora de mitos e reafirmadora de identidades” (Albuquerque Júnior, 2008, p. 64).

Como será abordado a seguir, a obra *Italva em Versos: a emancipação contada por seu poeta maior* (Marques, 1991) (re)produz um discurso “regionalista” a partir dos sedimentos do afetivo e do simbólico, colaborando para a construção de uma identidade regional que pode ser compreendida a partir de uma abordagem materialista-dialética destacada por Reckziegel (1999), que dá protagonismo a diversos elementos na definição de espaço e *região*, tais como o econômico, o político e o cultural. Dessa forma, ao compreender o espaço como produto da ação humana, a *região* toma a acepção de um espaço vivido, que, por sinal, acaba relegando diversas outras memórias – que se contrapõem ao discurso oficial – ao esquecimento.

É importante dizer que os discursos propagados pela poesia muitas vezes se alinham com narrativas tradicionais recorrentes sobre o processo emancipatório de Italva, utilizadas frequentemente para explicá-lo. Dentre essas narrativas, têm-se como exemplo a “promessa” de Leonel Brizola (até então em campanha para governador do estado do Rio de Janeiro) aos moradores de Italva de que iria emancipar a cidade; a incansável “luta e união popular” pela emancipação e; por fim, a participação/engajamento de mediadores políticos com a causa emancipatória.

Como proposta metodológica, buscou-se se contrapor a esses discursos regionalistas que contribuem para a identidade da região, assim como aponta Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2008). Segundo este historiador regional, deve se contrapor ao regionalismo não porque ele seja um discurso latente à falsificação, mas, sim, por ele ser um discurso produzido a partir de uma dada versão para o regional.

Nesse intuito, o autor critica a forma como a história do regional vem sendo trabalhada: a região como um dado prévio, como um recorte espacial naturalizado, um referente identitário que existiria por si. Frente a essa situação, o historiador do regional deve abrir mão de que seu trabalho seja avaliado a partir de um espaço pré-definido para que possa afirmar seu trabalho sob um espaço epistêmico próprio:

O historiador do regional, deve, acima de tudo, evitar o discurso regionalista. Não porque esse discurso seja uma mera ideologia, um discurso das classes dominantes a encobrir a verdade do regional, a evitar o desmascaramento das contradições de classe e do modo de produção como determinantes últimos ou verdades medulares de qualquer configuração regional (Albuquerque Júnior, 2008, p. 65).

Apesar de entender que as narrativas da poesia *Italva em versos: a emancipação contada por seu poeta maior* (Marques, 1991) fazem parte de uma versão particular do regional – que reserva ao esquecimento tantas outras memórias da mesma maneira que ameniza momentos de crise e rompimento através de um discurso afetivo – ainda assim esta fonte foi utilizada para analisar as memórias sobre eventos e personagens do processo emancipatório. Através das reflexões de Koselleck (2021) sobre a relação entre ficção e realidade, é possível ver como essa obra, mais próxima à escrita ficcional, pode auxiliar na compreensão sobre as articulações e contradições do processo emancipatório. Ao refletir sobre a “realidade histórica”, Reinhart Koselleck (2021) apresenta novas coordenadas sobre *res fictae* e *res factae*: em outras palavras, é posto em análise se a ficção e facticidade se diferenciam, ao ponto de uma estar reservada ao campo do poeta e, a outra, ao do historiador.

Diante dessa questão, Koselleck (2021) se afasta de uma pergunta teórica que afirma a facticidade como campo preservado ao historiador e o campo das ficções, ao poeta. A partir de uma nova abordagem, a discussão é ampliada:

“[...] como se comporta a constituição verbal de uma história, seja a história por um escritor de história, por um poeta, se não, por um prosador, para que, a partir de agora, seja experimentada e descrita como realidade histórica?” (Koselleck, 2021, p. 116).

Dessa forma, entende-se que textos ficcionais são fontes proveitosas para a facticidade: “Cada texto ficcional pode então, de

modo excelente, de qualquer modo, ser fundamental como testemunho para a facticidade” (Koselleck, 2021, p. 118).

O historiador alemão nos mostra que a realidade histórica nunca coincide com o que verbalmente se articula com ela e a respeito dela, pois entende a realidade histórica como um fenômeno mais amplo. Nas palavras de Koselleck (2021):

A realidade da história se cumpre na medida em que o agente e o paciente agem, reagem, e se correlacionam verbalmente. Nenhuma unidade política de ação é passível de ser ativada sem linguagem, sem conceitos comuns, sem comando, sem pactos, sem discussão, assim como sem propaganda e sem o emudecimento daqueles que não podem ou não devem participar. A própria realidade histórica, contudo, primeiro se constitui, entre, antes ou depois das articulações verbais que apontam para ela (Koselleck, 2021, p. 120).

Assim, entende-se que o historiador e o poeta se encontram, em conjunto, diante da mesma incomensurabilidade da realidade histórica e de sua transformação verbal. No entanto, apenas reagem de formas diferentes ante a mesma provocação:

Dessa maneira, o historiador na verdade ainda está longe de ter acesso àquele espaço livre que usualmente é concedido ao poeta, porquanto, como dizia Lessing, esse pode combinar como queira os acontecimentos que inventa. O historiador permanece subordinado à instância de controle de natureza negativa, de que resulta o método histórico. Ou seja, ela não admite enunciado algum que não passe pelos tenazes de leitura das fontes, e as fontes têm resistência própria. Uma fonte nunca diz o que deve ser dito, mas sempre mostra o que não é lícito dizer. As fontes possuem um direito ao veto (*idem*, 2021, p. 124).

Essas reflexões de Koselleck (2021) foram fundamentais para a pesquisa, pois ajudaram a pensar teórico-metodologicamente o campo do historiador e o campo do poeta em relação à “realidade histórica”.

Voltando à questão da poesia em observação, ao refletir sobre suas rememorações e alinhamento com narrativas tradicionais, foi possível perceber que a poesia em questão faz parte de uma “memória coletiva”, em que memórias sobre eventos e personagens do processo passam por um processo de “negociação”, fator importante em relação às reflexões do sociólogo Maurice Halbwachs (1990).

Nesse sentido, Halbwachs (1990) considera a importância do passado na construção da “memória coletiva” tendo em vista que são buscados fatos que de alguma forma se relacionam com o presente, podendo (res)significar eventos e personagens através das estruturas

que envolvem o processo de negociação. Em contrapartida, algumas memórias podem ser esquecidas de forma voluntária ou involuntária, pois não há total controle sobre esse componente da memória. Por outro lado, também deve ser considerado que a memória é seletiva, de modo que algumas delas podem ser “esquecidas” propositalmente no processo de construção da identidade de uma região ou de um grupo.

Sobre essa relação entre memória e identidade, Michael Pollak (1992) também pode auxiliar a compreender a construção do discurso (re)produzido pela poesia, mostrando como o “enquadramento da memória” se integra, de certa forma, a tentativas mais ou menos conscientes que definem e reforçam sentimentos de pertencimento. Além disso, o sociólogo demonstra que apesar de a memória assumir um caráter flutuante e mutável, algumas delas também apresentam pontos invariáveis e imutáveis. Portanto, ao investigar as memórias exaltadas na obra que se alinham às narrativas tradicionais, pode-se destacar seu caráter estereotipado, em que agentes e dinâmicas do processo de desmembramento do distrito em relação a Campos dos Goytacazes são exaltados ou apagados. Nesse sentido, as reflexões de Aguiar (2020) sobre “oportunistas *versus* emancipistas” (a serem descortinadas em momento posterior do artigo) foram fundamentais para contextualizar e compreender tanto as dinâmicas dos agentes exaltados pela poesia quanto os esquecimentos provenientes da obra analisada em questão.

Assim, contrapondo-se ao discurso regionalista (re)produzido pela poesia e entendendo a memória como um campo de disputas e silenciamentos, foi utilizada a metodologia da História Oral para entrevistar algumas pessoas que vivenciaram o processo de emancipação do município, considerando a oralidade um recurso fundamental para analisar as visões e versões que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais (Ferreira; Amado, 2006, p. 16).

Ainda nessa perspectiva, as reflexões de Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (2006) são cruciais para este estudo ao fornecerem caminhos metodológicos para analisar narrativas que vêm sendo construídas ao longo dos anos por integrantes de grupos, com ou sem



ajuda de um suporte administrativo. As autoras argumentam que “uma memória como história própria têm uma coerência e uma estruturação rígidas, que demandam uma grande vigilância se quisermos recuperar seu aspecto reconstruído e estereotipado” (Ferreira; Amado, 2006, p. 16).

Por fim, é importante ressaltar a importância dos campos semânticos (re)produzidos pela obra *Italva em versos: a emancipação contada por seu poeta maior* (1991). Através dos sedimentos do afetivo e do simbólico, moradores do distrito e mediadores políticos envolvidos no processo emancipatório são considerados como “emancipistas”, “heróis da emancipação”, “bravo emancipista”<sup>3</sup>, etc., enquanto as dinâmicas estabelecidas por esses agentes são exaltadas como uma suposta “luta do povo pela liberdade”.

As reflexões de Neves (2008 *apud* Aguiar, 2017, p. 283) nos ajudam a compreender esses campos semânticos que fazem parte de um discurso “oficial/oficializado”. Ao tratar do conceito da mediação, a autora entende o papel do mediador como produtor de campos semânticos, o qual cria universos de compreensão. Nesse sentido,

(...) os mediadores não atuam como elo de união entre mundos diferenciados e deles distanciados como tais. Eles próprios constroem representações dos mundos sociais que pretendem interligar e o campo de interligações que viabiliza este modo específico de interligação. Múltiplos significados vão-se ordenando para viabilizar a mediação (Aguiar, 2017, p. 283)

A antropóloga entende que, para interpretar a prática do mediador, os termos devem ser observados como expressão da presença mediada dos agentes. Por isso, ao realizar um estudo sobre mediação, é importante se atentar para os termos de entendimento e vocabulários técnicos produzidos localmente pelos agentes partícipes na interligação dos universos (Aguiar, 2017, p. 284).

No caso do poeta examinado neste artigo, sugere-se a classificação “intermediador pedagógico”, no sentido proposto por Mário Chagas (2003, p. 142), no qual o poeta, entendido como um artista, tem a função de criar e divulgar os novos marcos da memória política de uma região,

---

<sup>3</sup> Esta expressão refere-se ao Almanaque Histórico (2000, p. 26), que enaltece um participante do movimento emancipatório como emancipador.

participando da elaboração de um imaginário simbólico de determinada espacialidade e trabalhando como mediador entre o novo regime político e o local. Nesse sentido, o papel de suas obras não é apenas estético ou científico; é também político-pedagógico.

Como será observado ao longo deste artigo, os esquecimentos e exaltações da obra *Italva em versos: a emancipação contada por seu poeta maior* (1991) supostamente não aconteceram de forma inconsciente, pois o discurso (re)produzido pela obra se alinha ao discurso da elite política local.

### 3 O processo emancipatório de Italva e suas articulações: Mediadores orgânicos e outorgados

A primeira organização com o objetivo de quebrar o monopólio campista sobre o distrito de Italva surgiu durante o período da Ditadura Militar entre as décadas de 1960 e 1970. Por meio dos relatos de um participante desse primeiro movimento pode-se delinear algumas características importantes da organização inicial favorável à emancipação: inicialmente ela foi organizada e constituída por indivíduos que saíram de Italva quando jovens para estudar fora; os saberes culturais, políticos e burocráticos que esses indivíduos construíram fora do distrito estruturavam sua autoridade frente à causa.<sup>45</sup>

O artigo *Rompendo a distância: mediadores políticos nas pequenas cidades do interior* (Aguiar, 2020, p. 26) apresenta as principais reivindicações do jornal *A Notícia*, de junho de 1964, evidenciando a falta de estrutura do distrito. Dentre as questões destacadas, tem-se o tratamento de água; a rede de esgoto; a reforma da rede de energia elétrica e instalação de luz pública; a instalação de uma agência bancária; a pavimentação e terraplanagem das ruas; a restauração das principais

---

<sup>4</sup> Trata-se do participante Francisco Setembrino, autor do jornal *O Italtense*, entrevistado no artigo já citado.

<sup>5</sup> Infelizmente essa pesquisa não obteve mais informações sobre os jornais analisados, suas únicas aparições se encontram no artigo de Aguiar (2020). Durante a procura no acervo de jornais na Biblioteca Municipal de Italva, foi notificado sobre a perda desses documentos. Porém, em um segundo momento (já ao final da produção deste artigo), alguns jornais da época chegaram à biblioteca, doados pelo autor do Almanaque Histórico (2000). Apesar de a análise desses documentos não ter sido feita com calma, isso indica uma oportunidade de continuidade na investigação.

estradas para que se pudesse escoar a produção industrial e agrícola; a reabertura das escolas municipais; a retirada da rede de alta tensão do centro da vila e, sobretudo; a criação de uma subprefeitura a fim de proporcionar um “entendimento” direto com a administração pública. A matéria ainda define o momento amargo vivido pelo distrito: “Italva: Distrito Rico, filho de Prefeitura Madrasta” (Aguiar, 2020, p. 26).

É importante dizer que, nesse momento, Campos dos Goytacazes era considerada como a “capital política e econômica do estado”. Isso contribuiu para a elaboração de um esquema classificatório por parte do grupo de “emancipistas”:

Portanto, a classificação elaborada pelos ‘emancipistas’ opunha *Campos* como detentor de poder político e econômico, afinado às tendências ‘reacionárias’, e *Italva* sem poder político e econômico, mas afinada às tendências ‘progressistas’ (Aguiar, 2020, 26).

Isso fez com que os membros organizadores desse primeiro grupo se diferenciassem dos demais moradores do distrito, proporcionando uma certa representatividade.

Esse grupo pioneiro apresentava um suposto “ideal” que se opunha ao “oportunismo”, como aponta a entrevista de um dos seus participantes (Aguiar, 2020, p. 26). A divulgação dos “ideais” dos agentes dessa primeira organização era feita através de comícios, jornais, reuniões e assembleias. Porém, nesse período as decisões estavam mais centralizadas no governo federal, que valorizava a integralidade dos territórios. Além disso, os políticos campistas estavam em sintonia e estabeleciam relações com elementos centrais do governo (Aguiar, 2020, p. 5). Essas situações geraram grandes impasses para o projeto de emancipação, fazendo com que os indivíduos italvenses estabelecessem estratégias distintas frente à administração centralizada em Campos.

Assim, os agentes que lutaram pela emancipação nas décadas de 1960-1970 podem ser classificados como “mediadores orgânicos”, termo referente à obra de Antonio Gramsci (1991) em que a classe trabalhadora, em sua luta pela hegemonia cultural e política, teria a responsabilidade de criar e organizar seus próprios intelectuais organicamente. Como é possível analisar, tais indivíduos tinham atributos em comum: eram jovens e possuíam um grau mais elevado de educação

formal em relação aos outros moradores do distrito. Além disso, também buscavam investir na transformação de uma riqueza cultural em capital social e simbólico, tendo em mente melhorar a condição de vida dos moradores do distrito e, porventura, desenvolverem suas carreiras políticas.

A partir de 1980, período definido por Aguiar (2020, p. 8) como “segunda parte da luta”, os agentes podem ser adjetivados como “mediadores outorgados” no sentido proposto por Castro (2001, *apud* Aguiar, 2020, p. 8) de que o mediador político, em períodos mais autoritários, poderia ser outorgado de cima para baixo e, por isso, sua condição de “legítimo representante” era questionada.

No ano de 1983, foi elaborado um projeto de lei para a criação do município de Italva pelo deputado estadual José Augusto Guimarães do Partido Democrático Social (PDS). Após esse projeto ser sancionado por Brizola, representantes do Tribunal Regional Eleitoral marcaram a eleição para prefeito, vice-prefeito e vereadores de Italva para dezembro de 1984. Nesse momento, aconteceram formações de grupos para concorrer às eleições:

Alguns candidatos a prefeito que se engajaram na luta emancipista eram vistos como aliados de Zezé Barbosa e outros aliados de seu rival político, Raul Linhares. Havia candidatos que tinham sido vereadores por Campos e tinham assumido o cargo de administrador distrital em Italva, seja sob nomeação de Zezé Barbosa ou de Raul Linhares. Nessa situação, constituíam alianças opostas. A acusação de “oportunistas” coube àqueles que eram considerados contra a emancipação, ou mesmo indiferentes, e, ao perceber a emergência dela, passaram a querer se engajar no processo burocrático e político para ter parte nos benefícios que a emancipação poderia trazer. Sobre os vereadores por Campos, residentes em Italva, mais se depositava a desconfiança nesse sentido. A qualificação de oportunista não cabia às mesmas pessoas, dependia de quem acusava ou exaltava. Portanto, estava em jogo quem eram os ‘verdadeiros emancipistas’ (Aguiar, 2020, p. 9).

Essa análise sobre a dinâmica em torno dos “emancipistas *versus* oportunistas” é central, pois, como será visto adiante, a poesia analisada nesta pesquisa se abstrai de entrar nessa discussão. Cogita-se que o teor da discussão poderia ferir um sentimento único de identidade regional do município e macular seus principais personagens, vistos como “heróis da emancipação”, pois estes poderiam estar imersos nesse quadro classificatório variante.

Segundo Aguiar (2020, p. 9), no período de 5 a 12 de outubro de 1984, para as eleições de dezembro de 1984, Brizola tentou estabelecer um consenso entre os partidos PDS, PMDB e PDT. Esse esforço de Brizola, buscando um consenso entre os partidos, aconteceu devido à anulação da candidatura do seu “mediador outorgado”: Joeu Bauer, considerado como o “candidato de Brizola”. A anulação da candidatura ocorreu porque Joeu residia há pouco tempo na cidade, o que não se adequava às regras do Tribunal Regional Eleitoral. Isso explica os esforços de Brizola na constituição de um nome que unisse as partes em lealdade ao governo estadual. Tal empreitada, porém, fracassou, e os jornais itelvenses passaram a publicar o desinteresse do governador com a causa emancipadora (Aguiar, 2020, p. 9).<sup>6</sup>

Apesar de toda a movimentação partidária, as eleições de 1984 foram canceladas, pois a condição financeira de Italva não estava de acordo com as exigências: a renda, segundo a Lei Complementar nº 1, devia alcançar cinco milésimos de receita estadual. Assim, as eleições foram suspensas e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) declarou a inconstitucionalidade da lei que emancipou Italva.

O cancelamento das eleições proporcionou um dos momentos mais simbólicos e rememorados do processo emancipatório: o ato de bloqueio da BR-356. Esse ato encabeça as narrativas que exaltam a luta e o apoio popular em prol da emancipação, como será visto na obra *Italva em versos: a emancipação de Italva contada pelo seu poeta maior* (1991). O ato envolveu diversos moradores, que, por sinal, entendem-se como participantes do maior ato de revolta do distrito, construindo uma aura simbólica sobre os agentes desse protesto. Pode-se dizer que grande parte desses moradores, naquele momento, apresentam lembranças específicas sobre o ato; em contraponto, muitas vezes seguem uma certa padronização ou linha explicativa tradicional<sup>7</sup>:

De todos os fatos anteriores à Emancipação de Italva, com certeza, o Ato de Protesto da Ponte ou o “Fechamento da Ponte”, como ficou conhecida aquela noite de 26 de setembro de 1985, é o mais lembrado por todos. Foi

---

<sup>6</sup> Jornal Folha de Italva (1984).

<sup>7</sup> Sobre a exaltação desses agentes: tanto nas obras analisadas como nas entrevistas, os sujeitos se referem aos personagens da emancipação como “bravos emancipistas” ou como algo que simbolize suas “lutas” no processo emancipatório.

um gesto de intolerância dos itálvenses para com a uma causa que já se arrastava por mais de 20 anos e nunca tinha uma solução. Era um verdadeiro jogo de “empurra” e derrotas inexplicáveis na justiça que a população achou por bem fazê-la à força. Havia chegado a hora de tomar as redes e mostrar que o povo não exigia nenhuma propina ou aceitava quais negociações para conseguir a liberdade de sua terra (Leite, 2000, p. 26).

Da mesma maneira, *Italva em versos: a emancipação de Italva contada pelo seu poeta maior* (1992) também contribui para que o ato do fechamento da BR-356 seja entendido como um ato de união e luta dos moradores para emancipar o distrito, simbolizando a emancipação como algo almejado pelo povo em associação com seus “heróis” específicos que contribuem para a identidade regional da cidade. Como será visto a seguir, a obra colabora para a construção dos “marcos oficiais” da identidade regional da cidade e de seus respectivos personagens<sup>8</sup>:

O povo se revoltou  
Com a absurda decisão  
Dos políticos campistas em cassar a nossa Eleição  
Fechamos a ponte em protesto  
Para chamar a atenção  
Das grandes autoridades  
Para nossa situação (Marques, 1991, p. 58).

Em 1985, uma nova comissão pró-emancipação foi formada por Elcio Gomes, primeiro prefeito do município pelo PDT (1987-1988.); Eliel Almeida, segundo prefeito, eleito prefeito em três oportunidades (1989-1992; 1997-2000; 2009) também pelo PDT e; Ângela Souza, participante ativa dos movimentos emancipatórios que, posteriormente, concorreu no segundo processo eleitoral do município como vice-prefeita pelo Partido dos Trabalhadores (PT).<sup>9</sup> Nesse momento, Italva se adequava às diretrizes para a emancipação:

1. A população deveria ser superior a dez mil habitantes ou não inferior a cinco milésimos da existente no estado;
2. O eleitorado não devia ser inferior a 10% da população;
3. Deveria ter um centro urbano constituído com um número de casa superior a 200;
4. A arrecadação, referente ao último ano, devia ser pelo menos igual a 5 milésimos da renda estadual de impostos (Aguiar, 2020, p. 26).

Poucos meses depois o projeto de emancipação foi aprovado na Assembleia Legislativa em 10 de junho de 1986 e as eleições foram marcadas para novembro do mesmo ano (Folha de Italva, 1986). Estas

<sup>8</sup> As reflexões de Kosselleck (2021), apresentadas anteriormente, são fundamentais para a análise da obra.

<sup>9</sup> Eliel Ribeiro veio a falecer, vítima de um infarto, no início do terceiro mandato, em 02 de novembro de 2009.

eleições foram vencidas por Elcio Gomes (PDT), com 2.888 votos. Em segundo lugar, o candidato Eliel de Almeida Ribeiro (PDT) obteve 2.225 votos e, em terceiro, Amaro Gomes de Almeida (PMDB) conseguiu 875 votos (Almanaque Histórico, 2000, p. 22). É importante perceber como os dois candidatos do PDT detêm uma grande parcela dos votos nessa primeira eleição, demonstrando como os eleitores apoiavam os supostos “emancipistas”. No caso de Amaro Gomes, ex-administrador distrital que era contra a emancipação, mais se depositava desconfiança do que apoio ao projeto. Além disso, assim como Amaro, outros moradores que a princípio eram contra à emancipação também eram acusados de um suposto “oportunismo” nas primeiras eleições.

#### **4 História oral e “Memórias Oficializadas”: uma análise sobre as contradições da identidade regional de Italva**

Antes de contrastar as fontes escritas com as fontes orais, é válido comentar sobre os entrevistados neste estudo a partir da metodologia da História Oral. Devido às poucas referências acadêmicas e fontes escritas sobre o processo emancipatório de Italva, considerou-se trabalhar com a oralidade, daí a importância da História Oral neste estudo, pois, de acordo com Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (2006), através desta metodologia é possível a criação de fontes inéditas ou novas. Vale ressaltar que os entrevistados permitiram a transcrição e a divulgação das entrevistas, que foram gravadas em áudio.

O primeiro entrevistado, que será representado como “Entrevistado 1”, atuou por dezesseis anos no Almoxarifado e no Departamento de Patrimônio da Prefeitura de Italva e é conhecido na cidade pela produção de obras sobre a emancipação e por sua participação nos movimentos separatistas da década de 1980. Sua primeira obra foi escrita cinco anos após os eventos investigados, narrando, em forma de versos, a “história oficial” de Italva no período emancipatório. Em suas obras, descreve a participação e a “luta” de vários personagens do movimento emancipacionista, que são tradicionalmente rememorados como “heróis” da emancipação ou como

personalidades do processo. A entrevista foi concedida em sua casa, onde foram apresentadas diversas fotos do período separatista do distrito em relação à Campos dos Goytacazes.

A segunda entrevistada, representada como “Entrevistado 2”, foi participante da comissão pró-emancipação de 1985 ao lado dos dois primeiros prefeitos da cidade. Antes da formação dessa comissão, ela já era uma moradora engajada no processo emancipatório, tendo sido, segundo ela mesma, vítima de atos repressivos de Campos dos Goytacazes devido a sua grande participação no movimento. Diferentemente da primeira entrevista, esta foi gravada em um ambiente de trabalho, onde a entrevistada contou ter tentado se preparar para a entrevista em dias anteriores à data combinada, exercitando sua memória para lembrar alguns eventos que ocorreram durante o período emancipatório.

Em ambos os casos, as pessoas entrevistadas falaram com entusiasmo sobre o êxito separatista do distrito. Como será visto, há uma grande similaridade entre as narrativas dos dois entrevistados acima, pois correspondem a histórias que acabaram se transformando em narrativas tradicionais, usadas frequentemente para explicar o processo emancipatório de Italva, que fazem parte de uma suposta “memória coletiva” (Halbwachs, 1990).

Entende-se que essa “memória coletiva” pode fornecer dados para a constituição da memória individual e vice-versa, possibilitando sua (re)construção através de suas significações na sociedade. É importante ressaltar que no momento em que a obra *Italva em versos: A emancipação de Italva contada pelo seu poeta maior* (1991) se apropria de narrativas tradicionais (afetivas e simbólicas) sobre o processo emancipatório, ela contribui para a construção de dada identidade da cidade. Dito isso, será apresentado ao longo desse tópico como essas “narrativas padronizadas” foram sendo construídas/(re)produzidas a partir da classe política dominante do novo município, estabelecendo uma “memória oficial” sobre o processo emancipatório da cidade.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Sobre essa questão, é importante pontuar uma dessas narrativas: “O momento em que Brizola parece ter se comprometido com a causa italvense, pode ser apreciado em uma narrativa tradicional recorrente,



Retomando a obra de poesia analisada, pode-se dizer que ela foi escrita por um participante ativo dos movimentos emancipatórios do distrito da década de 1980, o que faz com que as narrativas sejam permeadas por uma suposta legitimidade, assim como afirma Michael Pollak (1992, p. 6) sobre a questão do rigor hierárquico necessário para a consolidação de uma testemunha autorizada. Isso ficou evidente quando foram mapeados indivíduos que participaram do processo emancipatório para a entrevista; na maioria das vezes, as pessoas indicavam o autor desta poesia, de modo que era possível inferir que este autor é uma fonte confiável para comentar sobre o processo de emancipação de Italva.

Ao tratar da obra *Italva em versos: a emancipação de Italva contada pelo seu poeta maior* (1991), fica evidente que, desde o título, há uma tendência do autor em legitimar o seu discurso sobre o tema em questão. Sobre isso, a fins explicativos e contextuais, será apresentado o primeiro verso:

Peço a sua atenção  
Para esta poesia  
Onde vou narrar em versos  
Sem nenhuma fantasia  
A história de Italva  
E a sua autonomia (MARQUES, 1991, p. 1)

No verso acima, percebe-se como o poema é visto como portador de uma “memória oficial” do processo emancipatório da cidade, insinuando uma suposta legitimidade em sua narrativa sobre o tema: “sem nenhuma fantasia” (*idem*, 1991, p. 1) – ainda que se tratasse de uma história narrada de forma poética.

Tal legitimidade era reconhecida por grande parte dos moradores e criticada por outros. Assim, diante dessas contradições, na primeira entrevista com o Entrevistado 1 se buscou entender como se construía a legitimação do discurso sobre o processo emancipatório.

Ao perguntar ao Entrevistado 1 sobre quando passou a escrever sobre o processo emancipatório, ele disse que já produzia versos durante as reuniões do movimento por volta de 1980. No ano de 1991, o prefeito

---

quando o assunto é a emancipação do distrito. Tanto em conversas cotidianas quanto em material escrito, é possível encontrar ressaltado o relato desse momento” (Aguiar, 2017, p. 97).

de Italva, Eliel de Almeida, passou a incentivá-lo a “registrar” os ocorridos em forma de poesia. Sobre esse momento, o Entrevistado 1 foi pontual em sua explicação: “Eliel foi o criador do poeta, foi ele quem incentivou e valorizou”, sinalizando a participação do autor na elaboração dos novos marcos da memória política de uma região, assim como demonstra Mario Chagas (2003, p. 142).<sup>1112</sup>

Ainda sobre a construção da obra, o Entrevistado 1 disse que apresentava dúvidas sobre como ocorreram alguns eventos do processo emancipatório. Isso fez com que outras figuras políticas (mais engajadas naquele contexto) contribuíssem com suas narrativas para a elaboração do texto. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma grande participação de indivíduos que disputavam uma *aproximação* com agentes estatais naquele momento, o que explica a associação de alguns desses personagens como “heróis da emancipação” ou como líderes do movimento emancipatório. Também é importante mencionar que, nos agradecimentos, vê-se outras figuras importantes do cenário político da cidade sendo citadas por suas contribuições diretas e indiretas. Nesse sentido, o livro contribui para a construção/seleção de alguns indivíduos envolvidos no processo emancipatório como “personalidades” através do simbólico e do afetivo.<sup>13</sup>

Por esse motivo, esta obra foi aqui referida, anteriormente, como propagadora de uma narrativa produzida a partir de um discurso de classe dominante, assim como sugeriu Albuquerque Júnior (2008), visto que seus criadores ou incentivadores assumiram posições políticas importantes no município desde a sua criação e também construíram uma suposta legitimidade para seus discursos por terem se engajado na “luta” pela emancipação.

No momento em que *Italva em versos: a emancipação de Italva contada por seu poeta maior* (1991) trata dos primeiros movimentos emancipacionistas na década de 1970 marcados pelas ações dos

---

<sup>11</sup> Aqui, refere-se ao “segundo momento da luta emancipatória” no início da década de 1980. No segundo tópico desse artigo, esse momento é apresentado com mais detalhes.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Entrevistado 1 em 25 de abril de 2022.

<sup>13</sup> O termo aproximação, proposto por Aguiar (2020) é uma categoria analítica que se ajusta com as práticas locais. Esse termo parte de uma confrontação da antropóloga com o termo acesso, de Karina Kuschnir (2001).

“mediadores orgânicos” (AGUIAR, 2020), não há menção àqueles que eram contra a emancipação do distrito. Pelo contrário, a obra reforça o discurso sobre uma forte adesão/união popular desde o início do movimento, abstendo-se em tratar de questões contraditórias como a dos administradores distritais que eram contra a emancipação e também da situação dos moradores do distrito empregados na prefeitura de Campos, que se posicionavam contra porque enxergavam nela uma ameaça aos seus cargos.

A partir do trabalho de Monique Aguiar (2020, p. 9), portanto, é demonstrada a desconfiança dos moradores em relação aos administradores distritais que se opunham à emancipação e os interesses desses políticos alinhados à Campos dos Goytacazes. Sobre essas alianças, percebe-se, através das entrevistas, o alinhamento e o apoio de alguns moradores do distrito a Campos dos Goytacazes, o que evidencia que não eram apenas os administradores que se opunham ao projeto separatista. Essa sintonia dificultava o projeto emancipatório dos “mediadores orgânicos”. Porém, em momento algum, essas questões são levantadas nas obras, como será visto a seguir:

Na política existe os a favor [sic] e os contra e existia aquelas pessoas em Italva que eram contra a emancipação de Italva, e quando existia um movimento, eles viam que estava fluindo. Esses que eram contra, denunciavam pra Campos. Aí Campos vinha para reprimir a manifestação do povo (...) pessoas que eram funcionários da prefeitura de Campos que tinham um bom cargo eram contra, uns chegavam a dizer que se Italva passasse a cidade ia virar curral, aquele negócio todo. Então sem citar nomes, mas existia essa conversa.<sup>14</sup>

Essas dinâmicas entre Campos dos Goytacazes e os moradores do distrito caem em esquecimento na poesia porque contradizem o discurso sobre a união popular desde os primeiros movimentos emancipacionistas. Ao deixar de discutir essas tensões político-sociais, constrói-se um discurso afetivo e simbólico de que o processo emancipatório foi a “luta”/“união” do povo (em sua grande maioria) em prol da “liberdade” do distrito, que reserva ao esquecimento aqueles que se opunham. Conforme é apresentado ao longo deste artigo, essas “disputas de memória” são fundamentais para pensar como acontece a “oficialização” de algumas memórias sobre o processo emancipatório,

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Entrevistado 1 em 25 de abril de 2022.

visto que revelam pontos contraditórios que caem em esquecimento de forma consciente ou inconsciente (Halbwachs, 1968).

Como na questão dos administradores distritais de Italva, através do trabalho de Aguiar (2020), pode-se observar que o povo apresentava grande desconfiança sobre essas figuras políticas, o que os levava a serem classificados como “oportunistas” ou “emancipistas”. Apesar dessa polêmica discussão entre os personagens considerados “heróis” da emancipação, a obra tende a aliviar essas tensões, generalizando os objetivos desses administradores distritais: “Eles também sonhavam com uma Italva melhor” (Marques, 1991, p. 3). Em uma das entrevistas, ficou clara a desconfiança dos moradores de Italva em relação aos administradores distritais: “Tínhamos dois vereadores aqui que representavam Italva na Câmara de Campos. Todos dois [*sic*] a princípio contra a emancipação (...) lógico, porque se emancipasse, né [*sic*], eles não seriam, não continuariam”<sup>15</sup>.

No momento em que a obra trata da segunda organização com objetivo de emancipar Italva na década de 1980, período marcado pelos “mediadores outorgados” (Aguiar, 2020), é relatado o protagonismo de figuras políticas importantes como Leonel Brizola. Nesse sentido, a obra contribui para a construção da imagem de Brizola como um dos “heróis” da emancipação. No entanto, em momento algum é evidenciado o projeto político de Brizola de reduzir a força política de Campos dos Goytacazes, mas, sim, é apresentada uma visão simbólica e afetiva sobre como se deu a *aproximação* do governador com os moradores do distrito<sup>16</sup>:

Sr. Leonel Brizola  
Que na oportunidade  
Tomou conhecimento  
Das nossas necessidades  
E desejo deste povo  
Pela sua liberdade (Marques, 1991, p. 3)

A partir da história oral e do trabalho de Aguiar (2017), é possível analisar as tensões decorrentes das disputas entre mediadores políticos

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida por Entrevistado 2 em 10 de maio de 2022.

<sup>16</sup> O termo *aproximação*, proposto por Aguiar (2020), é uma categoria analítica que se ajusta com as práticas locais. Esse termo parte de uma confrontação da antropóloga com o termo *acesso*, de Karina Kuschnir (2001).

pela *aproximação* com agentes estatais. Em contraponto, a poesia retrata uma dessas disputas como um desentendimento causado por partidos políticos na formação da chapa para a primeira eleição realizada no município em 1986:

O sonho dos itelvenses  
Era ver os dois unidos  
Mas isso não foi possível  
Por causa de alguns partidos  
Que por interesses próprios  
Quis ver os dois divididos (Marques, 1991, p. 6)

Ao tratar dessas questões como problemas políticos, são amenizadas as disputas políticas e as articulações que poderiam ferir o sentimento de “união” entre os indivíduos considerados “emancipistas”. Ainda no caso da primeira eleição, percebe-se, a partir da História Oral e do trabalho de Aguiar (2017), que a discussão sobre “emancipistas *versus* oportunistas” acontece sob um quadro classificatório variante que depende de quem é exaltado ou acusado. Porém, por parte da obra, vê-se a exaltação de todos aqueles que de alguma forma se destacaram no processo emancipatório por questões simbólicas e afetivas. Por outro lado, essa exaltação resulta no apagamento tanto das contradições políticas que poderiam ferir a identidade do município quanto de seus principais personagens, de modo que parece ter sido bem consciente tudo o que é exaltado e relegado ao esquecimento.

Nesse sentido, é importante dizer que, além dos principais personagens apresentados no texto, outros moradores, que a princípio eram contra a emancipação, tentaram se lançar como candidatos ao município. Uma das entrevistadas relatou essa dinâmica, dando a entender um suposto oportunismo:

No mundo da política partidária tem interesses mais oportunistas (...) existem realmente aqueles oportunistas, né [sic], que querem pegar carona, se lançar candidatos, muitos se lançaram candidatos, pra ter um guarda-chuva na época, mas eu não vou ficar julgando.<sup>17</sup>

Desse modo, através das entrevistas realizadas a partir da metodologia da História Oral, entende-se como o discurso oficial/oficializado ameniza contradições que poderiam ferir a coesão em torno da identidade regional do município.

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Entrevistado 2 em 10 de maio de 2022.

Entrementes, é válido destacar três questões fundamentais para compreender os esquecimentos por parte da obra *Italva em versos: a emancipação de Italva contada por seu poeta maior* (1991): i) a questão dos administradores distritais, que a princípio eram contra mas que, por interesses políticos, mostraram-se dispostos a apoiar a emancipação do distrito; ii) os objetivos políticos de Brizola no município, que são substituídos por representações simbólicas e afetivas e; iii) os moradores, que eram contra a emancipação ou a favor, conforme entendiam os supostos benefícios ou prejuízos que esta mudança poderia acarretar. Sobre essa terceira dinâmica, pode-se dizer que ela contesta o discurso afetivo e simbólico (re)produzido pela elite local, que apaga da “história oficial” aqueles que eram contra o projeto emancipatório pois as dinâmicas estabelecidas por esses sujeitos contradizem a dada versão do regional e suas representações.

## 5 Considerações finais

Após discutir sobre o que é selecionado para cair em esquecimento na obra *Italva em versos: a emancipação de Italva contada por seu poeta maior* (1991), é válido retomar os conceitos de Kosselleck (2021), esboçados no início do texto, que mostram como a ficção auxilia na compreensão da realidade. A partir das narrativas apresentadas na obra de Antonio Carlos Marques, foi possível ter um direcionamento para trabalhar com as entrevistas, quando puderam ser notadas as “disputas de memórias” que envolviam o processo emancipatório e seus personagens.

Nesse sentido, o livro *Italva em versos: a emancipação de Italva contada por seu poeta maior* (1991) (re)produz um discurso exaltando a “liberdade” em relação a Campos, como é possível ver pela obra de Monique Aguiar (2020). Esse “ideal” foi propagado desde os primeiros movimentos emancipatórios, enquanto Italva ainda era distrito. No entanto, ressalta-se a importância da (re)produção desse discurso após a emancipação, pois, ao exaltar a “união” do povo em prol da emancipação do distrito, acabam sendo apagadas contradições importantes sobre os

participantes desses movimentos, assim como a “história oficial” daqueles que eram contra o projeto emancipatório.

Além disso, através das complexas relações que conformam a história do regional, a obra também contribui para a construção da identidade do distrito. Nesse sentido, deve-se ressaltar a importância dos esquecimentos, principalmente na questão dos mediadores envolvidos no processo emancipatório, pois, como vem sendo mostrado ao longo deste artigo, existe um apagamento das contradições envolvendo os agentes partícipes do processo emancipatório, daí a importância da discussão sobre “oportunistas *versus* emancipistas”. Indivíduos que supostamente compõem esse quadro classificatório muitas vezes podem ser exaltados como “heróis” da emancipação, apagando um passado contraditório desses agentes. Por isso, deve-se apontar para a importância da questão simbólica que compõe essa “memória oficializada”.

Analisando o movimento através da narrativa de *Italva em versos: a emancipação de Italva contada por seu poeta maior* (1991) – percebida certamente como legítima, haja vista a autoridade de que dispõe o autor –, vê-se suas contribuições para a construção da identidade do município, fazendo com que os momentos de crise e de rompimento fossem amenizados por meio do discurso de “união” do povo em prol da emancipação do distrito, o que resulta no esquecimento dos diversos interesses individuais avistados pelos moradores frente ao projeto emancipatório.

Com estudos de Aguiar (2020), pôde-se entender as oposições ao projeto emancipatório, nos quais a antropóloga demonstra as desconfianças em torno dos administradores distritais. A partir dessa discussão, este artigo apresenta uma nova categoria, em que, além dos administradores distritais, também podem ser observados moradores do distrito de Italva que eram contra o projeto emancipatório. Como demonstrado anteriormente, esses moradores muitas vezes eram funcionários da prefeitura de Campos dos Goytacazes e, por isso, a emancipação de Italva representava uma ameaça aos seus cargos, o que resultou nesses agentes sendo contra o projeto emancipatório.

Sobre isso, vale destacar o primeiro momento do processo emancipatório, no contexto de Ditadura Militar, quando esses moradores do distrito, empregados na prefeitura de Campos dos Goytacazes, denunciavam reuniões dos grupos “emancipistas”, o que resultou em atos de repressão: “Não tinha delegacia aqui, levava pra Campos e aí o advogado tinha que ir lá e soltar todo mundo. Aí no lugar que cabia dez, botava quinze, jogava tudo ali pra dentro e levava pra Campos”.<sup>18</sup>

Se analisada a região como um “espaço social” (Reckziegel, 1999), onde se misturam os sedimentos do afetivo, do mágico e do imaginário, fica evidente que a poesia constrói um mosaico simbólico tendo como pilar a “luta e união do povo pela liberdade do distrito”. Porém, como visto ao longo deste artigo, essa narrativa (re)produzida a partir da classe dominante do município resulta em esquecimentos, em que o autor, durante um suposto “enquadramento da memória” (Pollak, 1992), demonstra ter noção sobre as memórias que devem ser exaltadas ou apagadas.

O objetivo deste artigo, portanto, foi delinear, a partir dos estudos de Aguiar (2020) e da metodologia da História Oral, os motivos para o “esquecimento” dessas principais contradições.

## Referências

AGUIAR, Monique Florencio de. **Rompendo a distância**: mediadores políticos nas pequenas cidades do interior. São Paulo: Ponto Urbe, 2020.

AGUIAR, Monique Florencio de. **A mediação a favor do Estado**: disputas entre mediadores políticos pela aproximação com agentes estatais. São Paulo: Paço Editorial, 2017.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O Objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, v. 10, n. 17, p. 55-67, 2008.

CHAGAS, Mário. Memória política e política de memória. *In*: ABREU, Regina. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. São Paulo: DP & A, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida por Entrevistado 1, em 25 de abril de 2022.



O processo emancipatório de Italva (1960-1980) e sua relação com a construção da identidade do município: disputas e resgates de memórias

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma latente filosofia do tempo**. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

LEITE, Genilson de Sousa. **Almanaque histórico**. Italva, 2000.

MARQUES, Antonio Carlos Bernardo. **Italva em versos**: a emancipação de Italva contada por seu poeta maior. Italva, 1991.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. História regional: dimensões teórico-conceituais. **História: debates e tendências**. v.1, n. 1, p. 15, 1999.

## Sobre o autor

**Luan Barreto Vilela**  

Estudante de História no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes, onde integra o Laboratório de História Regional e Patrimônio e o Grupo de Estudos Migratórios.

Email: [luanbarreto@id.uff.br](mailto:luanbarreto@id.uff.br)

## Histórico

Recebido em: 15/05/2023. Aprovado em: 13/09/2023. Publicado em: 10/05/2024.